

# ESTUDO SOBRE O HUMOR COMO FORMA ESPONTÂNEA DE LIDAR COM SITUAÇÕES TRAUMÁTICAS<sup>1</sup>

MARIA EMILIA DE MATTOS SOARES

Vivemos num mundo sob pressão. Somos surpreendidos (e surpreendemos) diariamente com expressões de indiferença, covardia, agressividade de todas as formas explícitas ou implícitas: histórias de assaltos, sequestros, violências contra a liberdade e a vida. Restrições de direitos civis ou políticos são amplamente noticiados e divulgados pela mídia.

Antes de se candidatar à Presidência da Colômbia em 2001, a Senadora Ingrid Betancourt, graduada no Institut d'Études Politiques de Paris, tinha uma vida segura e confortável. Seu sequestro pelas FARCS, em fevereiro de 2002, obrigou-a a repentinamente experimentar toda a sorte de privações, encarcerada em condições degradantes no meio da selva colombiana (1).

A história de seu cativeiro me levou a refletir sobre o impacto dos vários tipos de estresse traumático e sobre a importância do *humor* como defesa na contemporaneidade.

O termo *witz* tem raízes no romantismo alemão, movimento cultural e artístico do qual Freud foi herdeiro confesso, e é de difícil tradução para o português. Os franceses o traduzem por *esprit* (espírito), dispõe-no quem é espirituoso. Podemos traduzi-lo por piada, alguns o conhecem por chiste. Os organizadores do livro “Seria trágico... se não fosse cômico” (2) atribuíram ao *humor* (manifestação privilegiada do *witz*) um papel de destaque que os últimos movimentos da obra freudiana conseguiram atingir.

Freud considerava o humor como um dom precioso e raro. Tanto que retomaria o tema no ensaio endereçado à cerimônia de abertura do X Congresso Internacional de Psicanálise em 1927 (5). O humor para Freud é “teimoso e rebelde”, ele o considerava como modalidade de percepção ativa que capacitaria o sujeito a rir não apenas do outro, mas também e sobretudo de si mesmo, gerando potência e alegria onde se esperava apenas dor. Podemos defini-lo como *a habilidade de se aceitar que toda verdade é parcial, que o ser humano é insuficiente e que é onde a vida aparenta imperfeição que vale entoar uma boa gargalhada*.

O riso humorístico é festivo e universal. Não tem idade, pátria, religião ou gênero sexual, o que pode favorecer o distanciamento do niilismo destrutivo. O escritor Amós Oz (3) afirmou que gostaria de inventar uma pílula do humor capaz de diminuir a intolerância produzida por qualquer tipo de fanatismo.

Dois filmes relacionados ao holocausto, “A vida é bela” (Itália, 2007) de Roberto Benigni e “Um sinal de esperança” (EUA, 1999) de Peter Kassovitz, ilustram a finalidade e o processo do humor como um mecanismo de defesa (4).

O humor representa uma forma de expressão da criatividade que tem como objetivo mitigar o sofrimento. Sua meta é convencer-nos de que a realidade é tolerável e que é possível sobreviver às

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Jornada Interna do Círculo Psicanalítico do RS em 18 de junho de 2011 e orientado pela psicanalista Rejane Czermak.

adversidades. Como dizia Charles Chaplin (6), “o humor permite ver, através do que parece racional, o irracional. Reforça o instinto de conservação e preserva a saúde do espírito. Graças ao humor, as vicissitudes da existência se tornam mais toleráveis”.

Como o chiste e o cômico, o humor tem algo de libertador, mas possui também qualquer coisa da grandeza e elevação que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego recusa afligir-se pelas provocações da realidade ou permitir que seja compelido a sofrer. Insiste que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra na verdade que esses traumas para ele não passam de ocasiões de obter prazer. Esse último aspecto constitui importância essencial no humor. O “humor não é resignado, mas rebelde”. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que se afirma aqui contra a crueldade das circunstâncias reais (5).

No artigo sobre o humor (5), Freud destaca que, na atitude humorística, o indivíduo se comporta, em relação a si mesmo, como o adulto que procura amenizar uma realidade que a criança experimenta como avassaladora. Esse procedimento corresponde a uma operação interna do aparelho psíquico que consiste no desinvestimento catexial do ego em favor do superego, que revela neste processo o seu aspecto benigno de ordenador da vida, que tem como matriz o suporte ambiental. Por esta via, o sujeito se sobrepõe ao lamento, uma vez que, comparativamente a um ideal, toda adversidade imediata é minimizada, daí se obtendo o amor da instância moral (4).

Outro aspecto a destacar é a capacidade do humor de “*originar uma área de ilusão*” (7) onde o paradoxo estabelecido entre fantasia e realidade potencializa a criatividade, inclusive a artística. O humor opera em situações em que o ser humano se sente ameaçado e desprotegido.

Embora a realidade se oponha ao alívio da tensão que o ego almeja, no humor é possível recuperar algo que foi primitivamente uma *ilusão de onipotência*, mediante o resgate da essência do vínculo primordial, no qual o indivíduo se sentia amado e amparado por uma instância superior (superego). É exatamente o que diz Freud: “*na atitude humorística o que o superego faz é realmente repudiar a realidade e servir a uma ilusão*”.

Dessa forma se (re)configura uma interação das situações traumáticas com o ego, com as demais pessoas e com a realidade, evitando uma drenagem de energia excessiva, cujo estado final caracteriza os estados abúlicos<sup>2</sup>, reflexo do predomínio da pulsão de morte sobre Eros, impondo sua monotonia e inércia.

Na maioria das pessoas a sobrevivência a uma catástrofe social, como o horror do nazismo ou o desaparecimento de pessoas durante as ditaduras recentes do Brasil e da Argentina, mobiliza o que denominamos de *ressentimento* – *um modo de não sentir ou uma falta de sentir* – *que faz a situação traumática se congelar no tempo e no espaço*. Por não encontrar nessa experiência possibilidades de identificação com o agressor, o indivíduo não consegue integrá-la com os fatos passados e futuros e perde

---

<sup>2</sup> Estados abúlicos são um universo sensorial caracterizado por falta de qualificações. Uma mente cuja lógica não é do prazer-desprazer de uma erogeneidade representada, mas uma tensão-alívio de descargas, muito mais primitiva, carente de inscrições psíquicas e, portanto, de subjetividade.

então o sentimento da existência, uma vez que este se relaciona diretamente com a capacidade de articulação espaço-temporal do ego.

No lugar da castração simbólica, que se relaciona com o ter-perder constante da vida, com o prazer-desprazer que o ser humano vinha sentindo (e com isso escrevendo sua história pessoal), quando ele se torna alvo de um impacto social ou pessoal violento, ocorre uma verdadeira destruição de sua identidade.

O humor é exatamente o oposto do ressentimento, pois através dele é possível historiar o trauma, restabelecer os nexos com o passado e o futuro, o que permite ao sujeito sentir-se ele mesmo e dessa forma reconstruir sua identidade.

Antes de libertá-lo para que deixasse a Áustria em maio de 1938 e dias depois de terem submetido sua filha Anna a interrogatório, as autoridades nazistas obrigaram Freud a assinar um documento em que declarava não ter sofrido maus-tratos. Freud concordou, mas acrescentou de próprio punho: “Posso recomendar altamente a Gestapo a todos” (9).

Peter Gay (8), perplexo com a ousadia de Freud que na época contava com mais de 80 anos, analisou o que chamou de “gesto curioso” de duas formas:

1. Se os oficiais da SS tivessem percebido sua fina ironia, a vida de Freud correria risco; levanta a hipótese de uma *tentativa inconsciente de suicídio*: “haveria algo em Freud assinalando que quisesse ficar e morrer em Viena?”

2. Um ano depois, ao reconhecer que o tema das piadas e do humor carecia de aprofundamento, Gay arrisca uma nova análise ampliando a interrogação: o “gesto curioso” de Freud não poderia ser uma prova da *“vitalidade e do senso de humor irreprimível”* a ela vinculado?

Sua conclusão é reveladora: “Talvez nunca venhamos saber, mas é exatamente esta *ambiguidade irresolúvel* que está no fundo de toda piada”.

Se há algum ponto de aproximação entre a metapsicologia do analista e a do humorista, essa seria o estatuto da orfandade, no sentido do órfão como aquele que não tendo mais nada a perder, aprendeu a rir com a vida.

Se a palavra *witz* remete ao verbo *wissen*, que significa *saber*, teríamos no humor uma boa definição para *o saber que move o psicanalisar*.

Com conhecimento de causa, Winnicott constata que, se o analista não tem humor, não é adequado ao ofício. É certo que o *witz* por si só não promoverá a cura, mas é legítimo questionar os efeitos sobre um analisando que é levado a crer que seu analista é incapaz de rir, sobretudo de si mesmo. (2)

O principal é *a intenção que o humor transmite*, quer esteja agindo em relação ao eu, quer às outras pessoas. Significa: “Olhem, aqui está o mundo que parece tão perigoso. Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!”

“Se é realmente o superego que no humor fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego. Ademais,

nem todas as pessoas são capazes de atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. E, finalmente, se o superego tenta através do humor consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isto não contradiz sua origem no agente paterno” (5).

## REFERÊNCIAS

- (1) BETANCOURT, Ingrid. **Não há silêncio que não termine**. Meus anos de cativo na selva colombiana. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- (2) SLAVUTZKY, Abrão; KUPERMANN, Daniel (organizadores). **Seria trágico... se não fosse cômico: humor e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- (3) OZ, Amós. **Contra o fanatismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- (4) COSTA, Gley P. **A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- (5) FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931), vol. XXI. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- (6) CHAPLIN, Charles. **Minha vida**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.
- (7) WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- (8) GAY, Peter. **Freud**. Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- (9) COHEN, David. **A fuga de Freud**. Rio de Janeiro: Record, 2010.